

***Quem manda no mundo?***  
**de Noam Chomsky**  
 São Paulo: Planeta, 2017. 400 p.

**Régia Vidal dos Santos**

Doutoranda em Educação pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Professora convidada no Programa de Pós-Graduação em Educação Lato Sensu da UNINOVE. São Paulo, SP – Brasil  
[regiavs@gmail.com](mailto:regiavs@gmail.com)

Avram Noam Chomsky nasceu em 1928, na Filadélfia, Pensilvânia. É professor emérito de Linguística e Filosofia do Massachusetts Institute of Technology (MIT) e reconhecido como um dos mais proeminentes intelectuais da atualidade, sendo notória, também, sua posição política de esquerda e sua crítica radical à maneira como os EUA definem e impõem seus interesses dentro e fora de suas fronteiras. Esse cientista e intelectual, que se descreve como um socialista libertário, é autor, no campo da linguística moderna e da política, de vasta obra traduzida no mundo todo.

No livro em referência, Chomsky apresenta um conjunto de problemáticas que se estende de Israel-Palestina, Irã, América Latina, África a organização econômica, “guerra ao terror”, entre tantas outras, para, ao longo de vinte e três capítulos e um posfácio sobre a eleição de Donald Trump e a ascensão dos partidos ultranacionalistas na Europa, discutir a questão de quem comanda o mundo. Com clareza e diversos exemplos, promove a reflexão sobre como os “mestres da humanidade” procedem para realizar essa conquista e exercer essa liderança. Reflete também sobre os tristes resultados desse empenho e sobre as oportunidades e responsabilidades que temos para, quem sabe, sobrepujar o poder dos negócios e a doutrina nacionalista, de modo a manter-nos “vivos e aptos a viver”.

Ao discorrer sobre a responsabilidade dos intelectuais, rememora histórias como a eleição de Jean-Bertrand Aristide, no Haiti, o golpe militar que o depôs, seu sequestro após ser reeleito e a vexatória eleição de 2010-2011 realizada nesse país; o terror e a tortura na Colômbia, sob o pretexto de combate às drogas, e, entre outros terríveis crimes patrocinados pelos Estados Unidos, o 11 de setembro de 1973, que derrubou o governo democrático de Salvador Allende no Chile e resultou na destruição eco-

nômica desse país andino provocando, por meio de tortura e sequestro, muito mais mortes que o 11 de setembro que “mudou o mundo”.

Chomsky adverte que, a princípio, a responsabilidade dos intelectuais é de ordem moral, ou seja, cabe-lhes, por serem notoriamente privilegiados, denunciar crimes e contribuir para aplacar seus efeitos danosos. No entanto, nos primeiros relatos presentes neste livro, ilustra a existência de dois tipos de intelectuais: os orientados por causas humanitárias e os tecnocráticos, orientados pela política. Lembra que os últimos, exaltados pelo Estado, justificam ou ignoram as atrocidades oficiais.

As análises realizadas no capítulo “Terroristas procurados no mundo inteiro” apontam para a classificação dos crimes cometidos contra a humanidade em categorias distintas: os cometidos pelos EUA e Israel fazem parte da categoria “premeditados, mas sem intenção específica”; o contrário é classificado como assassinato intencional. No decorrer desse capítulo, é-se instigado a pensar em qual das categorias se encontram os criminosos procurados no mundo inteiro.

Em “Memorandos de tortura e a amnésia histórica”, o autor assinala como os métodos de tortura foram amplamente estudados pela *Central Intelligence Agency* (CIA) e realizados, por procuração, para os EUA. Além disso, aponta para os gastos astronômicos com a implementação de um “paradigma da tortura” e para o como são justificados, considerando que, diante do sangue derramado e do sofrimento causado, uma elite, que cultiva uma perigosa amnésia histórica, se sente tranquila ao ter assegurada sua concepção de democracia.

No quarto capítulo, recebe destaque a onda de protestos, revoltas e revoluções democráticas no mundo árabe; a destruição do sistema público de educação; a crueldade das políticas migratórias e a onda de racismo que se amplia em tempos de crise econômica. Ao ponderar sobre esse cenário, que se soma à distração promovida pelo consumismo e à cegueira decorrente do ódio dirigido aos vulneráveis, Chomsky deixa a questão: Restará algo a ser contemplado?

Diante dos dados apresentados, é-se levado a aderir à tese desse autor sobre o quanto podemos aprender com a história de um país que perde a hegemonia, mas não perde a ambição; gasta com guerras o bastante para ir à falência e mantém os privilégios de uma minoria, enquanto a maioria chega a enfrentar problemas de sobrevivência.

Das descrições que se seguem, merecem destaque as relacionadas à ascensão econômica da China e da Índia e aos passos auspiciosos da América do Sul em direção à autonomia. Movimentos que se dão em meio à derrocada norte-americana, mas, como Chomsky lembra, não são motivos para comemoração, pois não dissipam duas terríveis ameaças: a guerra nuclear e a catástrofe ambiental.

Na sequência, Chomsky relembra uma data a ser celebrada, deplorada ou ignorada: o milênio da Magna Carta. Entre as considerações que tece acerca da reponsabilidade de todos e de como as comunidades indígenas enfrentam e encabeçam a defesa dos direitos do planeta, enquanto os ocidentais zombam do documento, esse autor lança outra pergunta: Quem vai rir por último?

Ao escrever sobre o direito de dominar, que se esconde atrás de termos defensivos e fundamenta a política dos EUA, em meio a um rico detalhamento dos fatos, arrisca afirmar que uma guerra nuclear ainda não nos dizimou por sorte e, em virtude disso, deixa uma terceira questão: Poremos fim à espécie humana? Em uma tentativa de lançar luz sobre a responsabilidade de cada um e demonstrar como há maneiras de evitar tal fim, assinala o empenho das sociedades indígenas no sentido de estancar o desastre e a triste resposta das sociedades mais ricas e poderosas, que se mantêm sem uma política de restrição ao uso de combustíveis fósseis e sem estabelecer metas de energia renovável.

Sobre os acordos de paz de Oslo, estabelece um contraponto entre a forma como essa questão é apresentada pela grande mídia e o que uma observação que considere as operações realizadas por Israel, ao longo dos últimos vinte anos, e o contexto da negociação podem revelar. Dessa forma, evoca o conceito de “memória viva” enquanto categoria que se transforma em nobre defesa ou ataque ameaçador, de acordo com o interesse de quem comete os atos criminosos.

Acerca das opções relacionadas ao conflito Israel-Palestina, diante da possibilidade de formação de dois Estados, um palestino e outro judaico, ou um único estado para duas nações, Chomsky discorre sobre as cruciais pré-condições norte-americanas e israelenses e considera que poucos avanços serão obtidos enquanto Israel levar adiante seu intento de ficar com tudo o que tenha valor tanto na Cisjordânia quanto nas colinas sírias de Golã.

Nos capítulos intitulados “Atrocidade” e “Acordos de cessar-fogo em que as violações nunca cessam” são apresentadas as formas pelas quais Israel age para atingir seus objetivos e como passou de nação admirada para um país temido e desprezado. Ao mesmo tempo, é destacado o que para os palestinos brutalizados pode parecer um sonho: a possibilidade de punir Israel pelos seus crimes e instigar Washington a respeitar o direito internacional.

Nessa espécie de contra-história dos Estados Unidos, o autor apresenta fatos que elucidam como a ameaça de perder o domínio do sistema global inquieta Washington e o sistema corporativo dessa nação a ponto de a mesma ser considerada, em pesquisas de opinião internacionais, o principal Estado terrorista. Ao discorrer sobre a derrubada dos governos parlamentaristas do Irã e da Guatemala, em 1953 e 1954, os ataques a Cuba, a derrubada do governo democrático de Salvador Allende no Chile, a oposição ao nacionalismo vietnamita no início da década de 1950, a violenta onda de repressão imposta no hemisfério sul da América, a partir do início da década de 1960, Chomsky aponta para a repercussão de tais práticas na atualidade e promove a reflexão sobre como as decisões políticas são tomadas. Nesse sentido, lembra que Obama não desconhecia a assassina guerra terrorista e toda a política empreendida com o objetivo de tolher o desenvolvimento econômico de Cuba, assim como não desconhecia que esse “mundo”, aclamado pelos governantes como apoiadores da conduta dos EUA não corresponde verdadeiramente ao mundo. O mundo, notadamente, prefere o uso de medidas diplomático-jurídicas.

Dentre os muitos eventos que merecem uma profunda investigação, sublinha a “guerra ao terror” e a distinção reiterada pela mídia: por um lado, crimes cometidos contra os EUA e Israel são denominados atrocidades, por outro lado, crimes cometidos por esses atores, ou são esquecidos, ou lembrados como nobre defesa.

Sobre as páginas do *The New York Times*, Chomsky lembra que podem revelar muito sobre a ideologia e a cultura de um país que, ao incitar conflitos sectários, afirma estar agindo em prol da “estabilização”, sendo que qualquer reação ou resistência de outros povos à agressão norte-americana é denominada “desestabilização”.

Chomsky questiona o fato de o Irã ser colocado no papel de maior adepto ao terrorismo e assinala ser o grande crime dos iranianos o apoio

gado ao Hezbollah e ao Hamas, instituições que por sua vez ousaram ganhar o voto popular em eleições livres no mundo árabe. Nessa lógica, o Hezbollah cometeu um crime mais hediondo: obrigou Israel a acatar ordens do Conselho de Segurança e recuar na ocupação impetrada, por meio do terror ilegal e da violência no sul do Líbano.

Vale lembrar que, apesar da oposição ao ataque neoliberal ser muitas vezes esmagada assim que o apoio popular se liquefaz, nem sempre a população se mantém acomodada no papel de espectador. A desobediência da população corrobora a máxima de Chomsky acerca da existência de duas superpotências: os EUA e a população mundial. Entretanto, afirmar que quem comanda o mundo é a primeira superpotência – os EUA – é uma resposta que deve ser avaliada, pois até mesmo em uma sociedade como a norte-americana, que se diz democrática, a população é marginalizada. Partindo dessa premissa, Chomsky pondera que, para responder à pergunta título do livro, não se pode ignorar quem são, na atualidade, os “mestres da humanidade” e como eles agem para manter a vil máxima: “Tudo para nós e nada para os outros”, lembrando que os outros são o povo do país de origem e do mundo.

Além disso, considera a necessidade de avaliar o que representa, para os EUA, a ascensão da China ao poder e a guerra global contra o terror. Em outras palavras, ele indaga se as lideranças norte-americanas aceitarão dividir o poder econômico e se estão dispostas a deixar-se guiar pelo bom senso.

Em meio a todos os problemas já mencionados, aos desafios relacionados ao mundo islâmico e ao Leste Europeu, à crise de refugiados e às consequências da devastação do planeta, outra pergunta pode substituir a suscitada pelo título: Quais princípios e valores regem os cidadãos poderosos que disfrutam privilégios e oportunidades graças aos que vieram antes deles?

No posfácio, Chomsky enfatiza que Donald Trump, ao determinar o aumento do uso de combustíveis fósseis, ao se negar a ajudar os países em desenvolvimento que tentam avançar no uso de energia sustentável, ao falar em nome da anulação de regulações e exaltar doutrinas de supremacia branca, revela os valores que regem seus princípios e atos, assim como os do Partido Republicano.

Diante desse cenário, finaliza apontando o quanto é difícil testemunhar a acelerada corrida humana rumo ao penhasco; mas também lembra, com uma certa esperança, da diferença que a mobilização popular e o ativismo podem fazer se devidamente orientados e organizados.

Como se vê, esse ativista político expõe, nessa obra, de forma clara e meticulosamente documentada, como se distribuem os poderes no mundo e como o planeta vem caminhando rumo a uma guerra nuclear e a uma catástrofe ambiental. Mais que denunciar e analisar a conjuntura mundial desde o fim da segunda guerra mundial, Chomsky, nesse texto coerente com sua racionalidade e consciência social, lança luz sobre fatos e responsabilidades que não podem ser ignorados, assim como reitera a força da opinião pública mundial, a única capaz de barrar ou limitar o curso de atrocidades cometidas em razão de um poder arbitrário.

Para finalizar, vale lembrar que o exercício de tentar compreender o passado ajuda a olhar, de forma crítica, os eventos em curso e a reavaliar os princípios tanto de quem manda no mundo quanto de quem é subjulgado. Nesse sentido, trata-se de uma obra indispensável, por proporcionar, para além de uma compreensão da política contemporânea, uma revisão de pontos de vista. Como enfatizou Chomsky, esperanças existem e se fizermos o melhor uso delas, quem sabe, os princípios que passarão a reger quem manda no mundo e a todos venham a ser bem distintos dos atuais.